



Gaiato

13 DE AGOSTO DE 1966

ANO XXIII — N.º 585 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * FAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA FAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENAL
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



Uma imagem que os homens devem fixar, com os olhos da carne e do espírito — o belo cruzeiro da Casa de Malanje, sinal de Redenção.

PADRES DA RUA

Dia 14, às 16 horas, quando este jornal andar já nas mãos de muitos dos seus ávidos leitores, se Deus quiser estará nascendo na Sé de Aveiro mais um «padre da rua»: o nono.

Todos os que têm consciência da Obra e medem a sua grandeza, não tanto pela extensão do seu trabalho como pela profundidade do mesmo — todos esses entendem a riqueza que nos é mais um padre.

Não que a Obra seja eminentemente clerical. Até neste aspecto ela nasceu moderna, decerto atrevidamente moderna nas perspectivas comuns de 26 anos atrás.

Na Igreja de Cristo onde a penúria de clero é muitas vezes angustiante, Pai Américo também quis ser pobre neste ponto. Não dissipou as fracas economias da Mãe. Acreditou nos homens.

Acreditou nos leigos. Acreditou no próprio «lixo das ruas» que Deus o chamava a redimir. E a sua Fé e o seu espírito de Pobreza — Deus os fecundou, os tem fecundado...

E se os frutos não são em tal abundância e qualidade, como julgam alguns Amigos na «cegueira» do seu amor por nós, a verdade é que os êxitos são naquele ritmo normal em que também acontecem os insucessos nas Famílias, mesmo de boa-cepa.

Éramos oito. Treze lareiras se acendem todos os dias sob

Continua na página QUATRO

Agu Lisboa

Infelizmente não é a primeira vez. Ao lado do carinho e da amizade com que os nossos pequenos vendedores são recebidos e tratados há, de quando em quando, um ou outro senão. Padre José Maria, que nos lembre, já teve oportunidade de abordar o assunto nestas colunas. Hoje cabe-me manifestar a mágoa por ver que certos agentes de autoridade, sobretudo à paisana, talvez muito ciosos do cumprimento do dever, se opõem à venda de «O Gaiato», impedindo os nossos Rapazes de permanecerem às portas das igrejas da Capital, apesar da autorização superiormente concedida e da boa vontade dos Reverendos Párocos.

Quem conhece os nossos vendedores sabe bem que não molestam nem importunam ninguém. O interesse e a avidez com que são procurados dizem-nos do conceito em que são tidos e, sobretudo, da importância que tanta gente boa dá à leitura do pequeno revolucionário pacífico que é o nosso Jornal. Neste nada se pretende escrever que não seja a Verdade, embora ela nem sempre agrade a gregos e a troianos. Os problemas que nele se debatem, se se filiam numa perspectiva sobrenatural, têm raízes profundamente humanas, que a cupidez e o desinteresse dos homens tantas vezes fazem esquecer. Duvidamos que haja jornal onde tudo seja tanto a bem da Nação.

Pelas razões apontadas queremos desabafar. Há para aí tanta coisa a pedir a intervenção das autoridades! É ver os grupos de autênticos vadios que enxameiam os centros mais populares e de veraneio, que nada produzem e, tantas das vezes, se recreiam a provocar quem passa e a causar os mais variados estragos. Só não vê quem não quer. Não nos parece, pois, muito justo e razoável, que o zelo discutível de alguns agentes da autoridade, se exerça, aliás nem sempre em termos muito cortes, a impedir a vida de quem dignamente trabalha, angariando o seu próprio sustento e levando aos homens, seus irmãos, uma mensagem de Amor e o clamor da Justiça, de cuja ausência

CONTINUA NA PÁGINA QUATRO

Respostas ao postal-aviso

O postal-aviso despertou muita gente! Estamos contentes — e damos graças a Deus.

Claro, a revoada dos primeiros dias baixou. É natural. Mas o fiozinho persiste. O correio, senão todos, quase todos os dias traz respostas. E que respostas! São legendas formosas. Aberturas d'alma que incendiam, até o mais apagado dos homens. Por isso, diga-se a verdade, mal temos coragem pra escrever; deixar antes mas é o leitor botar faladura.

Olhem já pra esta bela imposição de Oliveira de Santa Maria — terras de Riba d'Ave:

«Se editarem mais algum livro não se esqueçam de mim! Pois não posso esquecer os bocados deliciosos que passo a lê-los e o bem que a sua leitura me faz».

Quantos não descobriram só agora, sublinhe-se, a Delícia

e o Bem que exalam os livros de Pai Américo — quantos! E quantos, ainda indecisos,

DA NOSSA EDITORIAL

hã-de acordar — remetendo-nos o postalzinho! É tão fácil e tão prático, repetimos. E não dá grandes maçadas... Basta respeitar as indicações claríssimas que dele constam. Apôr-se-lhe um selo de \$20 (e não \$50, como por lapso indicámos em os números anteriores). E colocar no correio.

Nesta quadra, eu sei que muita gente arruma as malas e inquieta-se, naturalmente, pelas delícias de umas boas férias. Ora um bom livro, além de excelente, é compa-

nheiro inseparável de muitos veraneantes. Assim o entendeu o meu amigo Leopoldino — homem que luta para ser Cristiano. Não esteve, porém, com meias tintas. Recebido o postal-aviso bateu-nos logo à

porta: «Júlio, aguardo ansioso essas postas de bacalhau para digerir durante as minhas férias». Foi assim, mais ou menos (tenho pena de se haver extravindo a carta!) foi assim, dizia, que Leopoldino pediu os livros do nosso grande Amigo Pai Américo!

Olhem, agora, pró entusiasmo de Lageosa do Dão:

«Devido a ter-me encontrado ausente algum tempo, só hoje me é possível acu-

Continua na terceira página

Do que nós necessitamos

Começamos com uma amiga de Coimbra, que nos envia 50\$ pela passagem de aniversário de pessoa de família já falecida. Mais 60\$ do Seixal. De um anónimo, 200\$ para o mais pobre dos pobres. Outro anónimo com 50\$. De Valadares, 100\$. Mais 5 dólares do Canadá. No Espelho da Moda, 100\$ mais 50\$ de um amigo, de promessas. 20\$ do Porto. Mais 20\$ de Contumil. De M. E. G. 10\$. De uma amiga da Figueira da Foz, uma encomenda com roupa. Um Antero, em louvor de N.ª S.ª de Fátima, Santa Rita e S. Judas Tadeu, com 300\$. Mais 727\$50 de um amigo de Lisboa. De Luanda, 3.000\$ por uma promessa feita a Pai Américo. Mais uma encomenda com roupa, de Lisboa. De Mafra 20\$ para os doentes do Calvário. De uma anónima, que nos diz: «Recordando o dia 16 de Julho e cumprindo, muito agradecida, uma promessa que em momento de aflicção fiz ao saudoso Padre Américo, envio 2.500\$ para qualquer necessidade urgente da Casa do Gaiato».

Da assinante 30.970, 500\$ para o Barredo. Mais uma encomenda com livros de Lisboa. Do Entroncamento, 100\$. Mais 100\$ de Portalegre. Do assinante 26.362, 50\$. Um António, com a presença habitual de todos os meses, 300\$+200\$. Um anónimo de Lisboa, 100\$ e este testemunho: «Agradecendo ao Bom Deus uma graça que me concedeu, envio esta migalhinha para os gaiatos, como prometi». Dos «Cativantes de S. Paulo» 1.000\$. Da Alfaiataria Infantil, a comemorar os seus 66 anos de existência, uma encomenda com roupa. Que Deus lhes dê muitos anos de vida. De Ilda Rodrigues 20\$. Mais 350\$ do Grupo Familiar «Os Alegres de Paranhos». 500\$ entregues no nosso Lar. Um casal muito amigo que nos visitou, deixou-nos 2.000\$. Da Rua Duarte Galvão, em Lisboa, 200\$. Mais 5.000\$ de uma amiga, de S. João do Estoril. De alguém que nos visita no dia de S. João, de há nove anos para cá, 540\$ e 130\$. Mais 100\$ de Freixo de Numão. De M. L. 50\$. 30\$ do assinante 4.081. De «uma amargurada», no dia 22, 50\$. Amigo de Rio Tinto com os cem do costume. Mais 200\$ de uma amiga para a «Nota da Quinzeana» de 13-4 e 25-5-63. No Espelho da Moda 100\$. Mais 100\$ de um anónimo. De Leiria 20\$. 50\$ no nosso Lar. Do Porto, 200\$ para os Pobres do Barredo. 100\$ de Rio Tinto. De Camila Ferrari Tavares, 50. Outro tanto de Ana Maria, pela passagem de mais um aniversário do seu querido mano, ausente em terras de África.

De uma amiga do Porto, 30\$ para o carneirito. 50\$ de um

anónimo. Uma Mãe com 20\$ e pena de não poder ser mais. Mais duas encomendas da Figueira da Foz. De Montreal, um dólar. No Espelho da Moda, por alma do conselheiro Tavares da Costa, 100\$. Metade de uma amargurada. De um anónimo 500\$ para os Pobres do Barredo. De S. Mamede de Infesta 150\$ entregues no nosso Lar. No Espelho da Moda 2.000\$ de um tripeiro e este desabafo: «A importância junta representa o primeiro aumento dum ordenado e parte de uma gratificação. Em promessa, e em homenagem à memória do saudoso Padre Américo, é esta importância oferecida à Casa do Gaiato».

Mais 25\$ de um anónimo. O dobro da Avó de Leiria. O Grupo de Bem-Fazer das Pedras, que nos visitou no dia do Corpo de Deus, deixou-nos 100\$. Um amigo de Taronquela, presente com 20\$. Uma universitária portuense envia-nos 50\$ pelo bom êxito de um colega nos exames. Do Porto, um amigo com duas vezes 20\$. De Luanda, 100\$ angolares. Mais 150\$ de uma amiga de Lisboa. Um amigo de Gouveia, apresenta-se com 60\$. Amiga de Leopoldville que nos visitou, deixou 600\$. Do Porto, por alma do Manuel, 50\$. De V. N. Famalicão, uma encomenda com roupa. Do Porto, um grupo de amigos envia-nos 100\$. Mais 20\$ do Porto. De um anónimo 300\$. Amigo do Porto com 3.000\$, como vem sendo hábito todos os anos. E agora uma carta de um nosso amigo de Lisboa: «Meus amigos. Envio-vos 100\$ que a minha Mãe me deu no dia do meu 12.º aniversário. Todos os anos manda-os ela. Mas este ano mando-os eu para começar. Recebam um abraço deste vosso amigo».

Do Canadá mais uma encomenda com roupas. Da Fábrica Cerâmica Tigomel, Lda., recebemos 4 atados de pneus. Um amigo da Póvoa de Varzim veio com 100\$ do seu primeiro ordenado. Uma presença amiga do Porto. De Lisboa, 25\$ do costume. Lisboa, Av. Barbosa do Bocage, 50\$. De uma amiga dos Gaiatos, selos. Da Foz do Douro, 50\$. O dobro de um estudante de S. João da Madeira, pelo bom êxito nos exames da 4.ª classe e admissão. De Maria Celeste Jesus Mateus 446\$50, referente ao aumento do seu ordenado. Uma amiga de Arrancada do Vouga com 200\$ por uma graça concedida por S. Geraldo. 5.000\$ de um Engenheiro amigo da percentagem de uma gratificação. De um amigo de Paredes, 50\$. O dobro do Porto, de uma amiga que costumava dar todos os meses e estava a ficar atrazada. M. A. L., presente com 100\$. 30 marcos da nossa muito amiga

Snr.ª L. Villumae. Mais uma presença do nosso muito amigo António. De Arcozelo, 20\$. O assinante 16.264, de Braga, com 40\$ e 70\$. Da Rua Guerra Junqueiro, no Porto, 2.500\$ com pena de não poder ser mais. De Maryland — U. S. A. 1000 dollars, sufragando a alma de um irmão muito querido. Mais uma encomenda de uma mãe alentejana. Da Avó de Moscavide 50\$ mais cinco selos de 1\$00. Av. Almirante Reis, com os 100\$ mensais. E metade do Porto, por alma do Manuel.

Dos alunos da 4.ª classe da Escola Mixta do Cadaval, 11\$. «Pedimos desculpa de ser pouco, mas somos todos pobres». Apreciamos muito o vosso pouco. Que o Senhor Jesus vos ajude.

Bem-hajam!

Laurindo Ferreira Lopes

O nosso artigo, embora modesto, serve para ser o elo de ligação entre esta obra e quem nos lê. Por ele, damos a saber todas as nossas dificuldades, para que a união dos irmãos venha em nosso auxílio, ajudando-nos a resolver os nossos problemas que são os do nosso próximo. As alegrias se as temos, aqui se anotam também, para que os nossos amigos se alegrem conosco. É ou não verdade que a família se alegra ou entristece conforme as circunstâncias?... E todos unidos se confortam mutuamente?... O mesmo se dá comigo; se não fosse o apoio moral de tantos que me conhecem por meio destes artigos, já há muito teria abandonado o meu posto. É certo que me entreguei de alma e



coração à obra para os dias maus e bons. Mas, que posso eu sem o vosso auxílio?... E pedimos tão pouco... Apenas trabalho. Sim, porque tudo quanto fazemos faz falta nas vossas casas. Pela falta de encomendas reconhecemos que está tudo em léguas. Mas nós trabalhamos sempre, esperando que um dia se lembrem de pedir os nossos trabalhos, e serão atendidas na volta do correio. O pior é todos os meses ter de pagar a quem trabalha. Sem nenhum subsídio; só a vivermos das vos-

sas encomendas, é bem difícil por vezes. Por isso mais uma vez não se esqueçam desta vossa casa, mandando-nos muito trabalho, tanto mais que uma das nossas aprendizas já comprou uma máquina de tricotar, a quem é preciso ajudar também. É pelo trabalho que a pessoa se dignifica, pois ele é uma contínua oração a Deus.

Além dos trabalhos de tecelagem, chales, echarpes, fazemos também costura, principalmente roupa interior: t-shirts, aventais, pijamas, naperons, panos para cozinha, etc.

Peço para guardarem este artigo, para, através dele, fazerem suas encomendas a esta vossa Casa de Jesus Misericordioso — Ordins — Lagares — Douro.

M. A.

Facetas de uma Vida

Finalmente chegou o grande dia: A Quinta de Paço de Sousa seria entregue sem condições à Obra do Gaiato das Ruas. Que alegria! Eu acompanhei a seu convite o Padre Américo ao Governo Civil. Assinado o Auto de Posse respectivo, foi-lhe comunicado nessa altura, que lhe cabia receber umas sete ou oito pipas de vinho que restavam na Adega do Velho Convento, meia dúzia de razas de milho, e cento e tantos contos em notas do banco. O Padre Américo, segurando nos massos de notas, olhou-me com aquele seu tão peculiar sorriso e, depondo-os nas minhas mãos, disse: — «Peço que deposite isto no Banco Espírito Santo; será o início da nossa nova conta». Eu esclareci que era tarde e o Banco tinha fechado. Com aquela simplicidade que o caracterizava, respondeu prontamente: — «Não faz mal, deposite então amanhã». Preparava-me para lhe passar um documento comprovativo da importância que ia ficar em meu poder, e o Padre Américo, pestanejando levemente, acrescentava: — «Um documento para quê? O Senhor não tenciona depositar o dinheiro amanhã?» — Com certeza que tenciono, respondi, mas há viver e morrer, e pelo menos escreverei num cartão de visita que sou depositário desta importância, que pertence à Casa do Gaiato. Só a minha insistência, invocando até a educação comercial que ambos tínhamos recebido, o convenceu a aceitar o pequeno documento, para sua e minha tranquilidade, que guardou muito simplesmente num bolso da batina. As primeiras horas do dia seguinte fiz o depósito no

Contin. do número anterior

Banco Espírito Santo; o cartão foi-me imediatamente devolvido.

Passados poucos dias fui com o Padre Américo a Paço de Sousa, visitar a Quinta e o edifício do velho Convento. Sempre optimista dizia-me dos seus projectos, desejava pôr-se imediatamente em contacto com o Arquitecto Teixeira Lopes, que eu lhe havia indicado, mas a premente falta de uma casa para os Gaiatos do Porto não se compadecia com demoras, e eu, embora timidamente, pois já conhecia o seu feitio, avantei que se aproveitasse imediatamente o edifício existente para começar a recolha dos pequenos, que estavam no Albergue Distrital, tão necessitados de assistência material e espiritual, embora a título provisório.

O Padre Américo ouviu a minha proposta, reflectiu por segundos, e limitou-se a dizer em voz forte e bem timbrada: — «Isto não, eu não faço obras provisórias...»

Só com essa força de ânimo, ele poderia realizar tal como idealizara, a obra que havia de o perpetuar. Durante a execução dos projectos trocámos largas impressões, e com ele visitei a Quinta várias vezes. O Padre Américo sabia o que queria, discutia o arranjo do terreno, a melhor disposição das construções, os acessos, a arquitectura dos edifícios, que queria fossem sóbrios e modestos, mas integrados no estilo das construções locais. Em 27 de Julho de 1943, escrevia-me de Coimbra, num simples cartão:

«Meu muito Amigo: É já no

sábado que vou para P. Sousa. Às 3 horas telefono para o n.º 12, a ver se respondem, e a seguir vou onde o meu Amigo quiser para falarmos. Nada de especial, mas necessito trocar impressões consigo. Até lá pois. Telefono às 3 menos algo. Muito grato, P. de Américo».

Um dia, no meu escritório, desdobravam-se sobre uma mesa os projectos da Aldeia dos Gaiatos. O Arquitecto explicava e o Padre Américo, absorto e satisfeito consigo mesmo, referia-se à compreensão e à ajuda de todos. Numa das suas cartas dessa data, dizia: «Ocupei todas as horas, aqui, em assuntos da nossa obra: Ministério do Interior, da Justiça, das O. P.. Em todos elas falei e encontrei apoio, fora e acima de toda a expectativa; que grande poder não tem a verdade! Sabe, tenho medo que seja tarde, agora que na minha mão tenho todos os meios de combate — tenho, medo. Afigura-se-me que vai chegar o tempo de os justos pagarem! Mas não posso desanimar».

No fundo o Padre Américo, reconhecia como uma das maiores ajudas a simpatia do Ministro Duarte Pacheco pela sua obra. Este homem excedia a todos no seu reconhecimento, e desejava assim prestar-lhe a sua homenagem. Sugeriu então que se desse ao acesso principal da Aldeia dos Gaiatos, o nome do Ministro das Obras Públicas, Eng.º Duarte Pacheco. O Padre Américo ouviu e calou-se, mas achou aceitável a ideia e, desde aquele momento, o referido acesso passou a conhecer-se por Avenida Duarte Pacheco, o homem que tanto tinha ajudado a realização daquela Obra.



OBRA DE RAFAEL VIANA RAFAEL VIANA RAFAEL VIANA

★ BELEM ★

Num dos últimos números fiz aqui referência aos muros caídos e estragos das culturas, causados pelas chuvas e trovoadas.

Hoje vou completar o relato dos trabalhos e despesas a que a força das circunstâncias nos obriga.

As nossas capoeiras, de madeira, estão a cair de podres. Eu não pensava em repará-las tão depressa, porque, em primeiro lugar está pagar a Casa, além de que tencionava mudá-las de sítio, quando nos metêssemos em obras de valto.

Porém, aconteceu que a raposa matreira descobriu a insegurança dos galináceos, fez o primeiro assalto e agora não há que fiar.

O nosso Leão e ela, já mediram forças e lá acharam que era melhor fazerem as pazes, de modo que agora passam um pelo outro, rosnam e segue cada qual o seu caminho. Os irracionais também têm a sua política...

Perante tal situação, as responsáveis pelas galinhas não têm outro remédio senão fechá-las, todas as noites, numa loja, por baixo da Casa. Uma trabalhadeira! É o cheiro a capoeira que chega cá acima?...

Não há remédio senão fazer umas capoeiras de tejo, nas condições devidas, que as galinhas fazem muita falta numa casa destas, sobretudo por causa dos ovinhos.

Mais! A nossa coelheira, que era o talho da casa, já este ano sofreu dois assaltos dos larâpios. Para quem não tenha consciência, a coisa é fácil, pois está bastante afastada da casa e não é forrada. De ambas as vezes se descobriu os autores da façanha, pois que são profissionais. Mas, enquanto não for forrada, não dá gosto criar coelhos. E que falta nos fazem!

Também nós precisamos dum bom cão de guarda, ainda novo, para se ajeitar, e de raça que não venha a constituir perigo para as crinças da Casa.

Agora, a nota de presenças, que já não sai há três meses.

«Nitratos de Portugal», com 350 quilos dos seus magníficos adubos, que foram preciosa ajuda no cultivo da nossa Quinta.

Helena, de Lisboa; Anónimo, também da Capital; Casal de Cursistas, de Viseu; Maria Cecília e Marido, de Braga; Farmácia Confiança, de Viseu e demais sócios desta cidade: todos pontuais com as quotas a que voluntariamente se obrigaram.

De Fátima, por mão própria, 200. De visitas, 500 mais 200 mais 150 mais 100 mais 100 mais 50 mais 70 e outras.

O Senhor Capitão Cardoso enviou 100, por um estafeta. A Senhora D. Grácia, 500, por mão própria. De Mercês, 100 e dois pacotes de roupas.

Mais roupas, calçado e brinquedos de Lisboa 3, Viseu, Algueirão, Barreiro, Moscavide, Coimbra, Paço de Sousa e de uma Professora. Outra Professora amiga enviou 100. Outro tan-

to de Beatriz, de Coimbra e 60 de Alcobaça.

Vale n.º 048548, de 100. Outro tanto, em cheque, dum Professora de Negrelos. Mais 100 dum comerciante do Porto, a pedir orações pelas suas melhoras e regresso ao trabalho.

Todos os Benfeitores têm parte nas orações diárias das Belemitas, ainda que não o peçam, pois é essa a nossa intenção. Deus é que faz a distribuição desses méritos com a equidade própria da Sua Bondade e Justiça.

Do Porto, 500 por alma dos entes queridos. 250 de um Sacerdote de Leiria, a pedir orações por ele e pelos outros Sacerdotes. Também a Mãe Irene marcou presença com 100. Quanto eu não aprecio as suas cartinhas, tão amigas e compreensivas!

«150 para a ajuda do pagamento da Casa Nova... É de Caldas da Rainha e aparece de vez em quando como esta grande necessidade... pagar a Casa — anda esquecida... Por este anuar, quando chegaremos ao fim?»

O Manuel Pinto tem mandado todos os meses as migalhinhas que vão ter a Paço de Sousa e agora mandou 10 contos, entregues no Lar do Porto por Senhora que quer ficar no anonimato.

Juntado ao que aí fica o empurrãozinho que cá vieram dar os Gaiatos, pudemos pôr de parte 30 contos. Assim, fica a nossa dívida reduzida a:

220.000\$00

30.000\$00

190.000\$00

Inês — Belém — Viseu

Respostas ao postal-aviso

Continuação da página UM

sar a recepção do precioso livrinho «Obra da Rua» que tanto bem faz às almas, acordando-as do marasmo em que a vida as afunda, nas suas multiplas e diversas lidas, e que quase não as deixa libertar para meditar no Além!

Estes preciosos livros que a «Casa do Gaiato» em tão feliz hora, lança em todos os lares de Portugal, é como um rosário de orações, que nos liga e faz meditar no nada desta Vida e no tudo, tudo, tudo, o que nos espera na Eternidade!

Posso bem pouco, mas se muito puder, ere o melhor cartão de Boas-Festas que enviaria todos os anos, pelo Natal, e pela Páscoa, a todas as famílias amigas ou simples conhecidas a lembrá-las... Deviam festejar estas duas datas de tão gloriosas tradições.

Que o Senhor ao menos tome em conta a minha boa vontade, e a vós peço que aceiteis esta pequenina dádiva como contributo do muito amor que vos dedica a mais humilde serva de Nosso Senhor.

Almas que fervem! E arastam. É assim Cristo vivo na alma dos homens que acreditam. Ele não foi... É. Nós é que, muitas vezes, O prendemos com nossas grilhetas...

Então aqueloutro Amigo de Lisboa?! Formidável! Reparar na legenda. Bem merece ser encaixilhada:

«Envio 80\$00 em troca do último volume que me foi enviado e que começa por um «Memorare». Cada artigo daquele volume é como uma sinfonia de Mozart,

DA NOSSA EDITORIAL

saída do coração. Oxalá tempos venham em que tais obras sejam reimpressas em edições monumentais».

Sinfonia de Mozart... Que belo! Como não hi-de a gente levantar nossos olhos pecadores ao Céu e dar graças a Deus — relembrando e saudando Pai Américo e o seu inigualável estilo peculiar.

Sinfonia de Mozart... Que bela legenda!

Mais delícias. A procissão, hoje, é deliciosa. Ora vejam:

«Recebi há dias o «Obra da Rua» que irá fazer as minhas delícias logo que tenha um bocadinho de tempo disponível. A pouco mais de um mês do casamento, não há tempo para nada. Aproveito para vos pedir o favor de nas vossas orações se lembrarem do lar que vamos fundar e de minha Mãe que se encontra doente».

Tomem nota, ainda, destouta presença de algures — resposta ao célebre postal-aviso:

«Junto envio 50\$00 para pedir o favor de me enviarem o 1.º volume do «Pão

dos Pobres». Creio que será um grande alimento para a nossa alma, pois eu só de ler «O Gaiato» de que meu marido é assinante, me sinto com mais coragem e resignação. Que Deus dê mais saúde a meu marido! Peço também que me enviem até meados de Agosto, pois depois dessa data estamos au-

sentes. Desejo do coração a saúde dessa grande Família para bem de todos nós».

Estas cartas de casais, esposas ou esposos, são fermento que leveda. Mais: alícerces que seguram o mundo, em um mundo de desuniões ora tão frequentes e calamitosas.

Aquela diz que o livro «irá fazer as minhas delícias logo que tenha um bocadinho de tempo disponível». Já por lá passámos...! Esta, «que será um grande alimento para a nossa alma». Que feliz aquele nossa alma! Dois em uma só. É assim o Matrimónio.

Vamos terminar que o famoso é pequeníssimo. Não fica mal, porém, repetir que aguardamos, com muito interesse, ainda mais e mais respostas ao postal-aviso. Todos o receberam. Todos e cada um dos nossos assinantes. Aos leitores avulso, a esses lembramos, também, os livros de Pai Américo que possuímos na estante: o «Pão dos Pobres» I, II e III volumes e o «Obra da Rua» (última edição).

Estamos às vossas ordens.

Júlio Mendes

TRIBUNA DE COIMBRA

Terminou o nosso ano escolar. Não atirámos foguetes, mas temos razões de sobejo para nos congratularmos. Os resultados não foram positivos cem por cento; contudo, foi um ano com bom aproveitamento.

O Carlos Manuel agarrou-se aos seus alunos de instrução primária. Foi um trabalho árduo e intenso, mas chegou ao fim contente. Dez fizeram a quarta e quase todos os outros passaram de classe.

No Seminário, o Lisboa fez má figura, mas o Henrique e o Zé compensaram bem o mal do primeiro. Ainda estão bastante no princípio, todavia poderão ser o fermento a levedar a massa, que dará um dia padres para amassar o pobre barro humano confiado à Obra da Rua.

Os do Curso dos Liceus portaram-se razoavelmente. Com o esforço de cada um anda o carinho do Colégio «Pedro Nunes», onde todos têm o lu-

gar de filhos. O Crisanto terminou o sétimo e dispensou da aptidão à Universidade. O Silva terminou também e está a preparar-se para ingressar na Academia Militar. O Fernando fez duas cadeiras. Manuel tentou uma secção do quinto, mas em vão, pois esforça-se pouco. Desculpa-se com o trabalho da fábrica. Satélite passou para o quinto. Manuel Cesário avançou a passo firme para o quarto. Barbosa, indolentemente, venceu o primeiro.

Temos um novo Professor: o Crisanto terminou o Magistério Primário. O Fernando fez o primeiro ano na mesma Escola.

Uma palavra de muito estímulo merecem quase todos os da Escola Industrial e Comercial, da noite, pois só o Casimiro é do curso de dia. Todo o seu estudo é feito em horas extraordinárias. Para eles não há boras de jantar, nem de deitar, nem descanso aos fe-

riados. Depois dos horários dos seus empregos agarram-se aos livros e às aulas. A vida do nosso tempo exige estas renúncias. Quem não se esforça e valoriza fica para trás.

O Joaquim, que tem muita responsabilidade no seu emprego e é o chefe maior do nosso Lar, fez o 6.º Comercial e vai continuar. O Nunes fez o 5.º de Indústria. O Correio e o Manelzito portaram-se bem. João, Zézito e Castanheira esforçaram-se pouco. Manteigas colheu o fruto da sua preguiça.

Não podemos deixar de registar e testemunhar o ambiente de simpatia que na Escola Brotero rodeia os nossos

rapazes. Facilitam-nos tudo o que podem. Os rapazes sentem-se em casa própria. Queremos também dizer uma palavrinha de muita gratidão aos autores de livros que atendem os rapazes, prontos e generosamente e também à Fundação Gulbenkian que nos tem emprestado os livros que lhe pedimos.

Os nossos rapazes têm de se esforçar por adquirir seus livros, pois mal do nosso pão se lhos tivéssemos de comprar.

Por tudo isto, temos razões de sobejo para nos alegrarmos e louvar o Senhor, Autor de todo o bem.

Padre Horácio



Padres da Rua

Contin. da primeira página

os telhados da «Obra da Rua». Andam por 750 os que comem o caldo nelas feito. O peso que cai sobre cada um percebem-no os que lutam na vida e não lhe fogem.

Foi ontem à tarde. Dois casais de «brasileiros», ora de romagem na Pátria, vieram ver-nos. Um trazia o outro. Encontrámo-nos junto ao cruzeiro. O visitante da primeira vez, feita a apresentação, olba em redor o que daquele ponto se lobra da nossa Aldeia e diz-me sem mais rodeios: — Grande responsabilidade o Senhor tem.

Homens de trabalho, gente de vida dura, sessenta e tan-

tos anos teimados no dia-a-dia — entendem o peso que cai sobre cada um de nós.

Éramos oito. A vinda de mais um alenta os que vamos cansando — como nos alenta a compreensão dos homens que não viram a cara à luta na vida, em regra pais de Família que sabem a espécie da nossa vida.

Ficamos nove. Não somos demais. Novo ramo espera ainda por mais outro, para que possa aceitar-se o seu rebento: Lourenço Marques.

O Senhor parece chamá-nos ali. Deu-nos uma quinta. E que quinta! E de que modo no-la deu! Tem-nos dado mais coisas, muitas coisas! Transmittiu-nos o cbamamento objec-

tivo pela voz da Sua Igreja. Mas só nos deu um padre. E nós dissemos-Lhe que não podemos ir só com um. Ele bem sabe que não. Mais uma Família na grande Família. É certo que há mais um pai. É a função do padre na Obra da Rua: ser pai. E também é certo que cada Família só tem um pai. Mas lá tão longe; sôzinho com todos os problemas de uma nova fundação; e os que estamos já tão sobrecarregados!... O Senhor bem sabe que não podemos, que não devemos permitir o rebotar do novo ramo, sem mais um padre, sem mais um pai! Ele que no-lo dê! E não nos deixe cair na tentação de querermos alargar mais o Seu Reino do que Sua Providência dispôs!

E que não cuide menos de dar aos Rapazes que ficam, o entendimento e a aceitação da partilha de largo quinbão da nossa paternidade, que podem, e por isso lhes pertence assumir. Sabemos que isso é crucificante. Sabemos que é heróico. Mas não são lutadores que não viem a cara à luta, à vida — aqueles que Ele terá de escolher para ficar?!

Neste dia muito venturoso para a Obra da Rua em que lhe nasce mais um padre, aqui fica esta partilha também para os nossos Amigos conscientes — Família autêntica, embora de extra-muros, que há-de gozá-lo connosco, que bá-de agradecê-lo connosco e (porque não?) há-de merecê-lo connosco também.

Carta de uns Noivos

«Se Deus nos der vida e saúde, e nos auxiliar a manter pela vida fora os bons propósitos do nosso noivado, receberá todos os meses notícias nossas, com uma pequena quantia, somatório das nossas renúncias do mês.

Estamos noivos, casamos em Setembro, se for da vontade de Deus, e no princípio do nosso noivado, fizemos propósito de vida simples, e de não esquecermos os que nos rodeiam, afim de não nos deixarmos absorver pelo egoísmo que infelizmente ronda tanto à nossa volta, sempre.

Para tal combinámos renunciar todos os meses, cada um de nós, a algo que quisesse comprar, e enviarmos-lhe essa migalha para que V. a aplique no que for mais necessário!

Somos felizes, estamos absolutamente agradecidos a Deus por ter permitido que nos encontrássemos, mas queremos trabalhar para não estagnar, para ascender, e sermos bons cristãos no mundo, nas nossas profissões, no cumprimento das responsabilidades extra-familiares que temos, e familiares que vamos assumir.

Sabemos que é difícil, mas queremos lutar e pedimos uma oração nessa intenção: que nunca nas nossas vidas o egoísmo entre e fique, e que sempre a pureza de intenções e acções nos norteie.

Deite-nos a sua benção, meu Padre, e reze de vez em quando uma Avé-Maria por nós, para que o nosso lar seja um lar verdadeiramente cristão.

Esta é a renúncia de Maio — um cinto dele, um colar dela».

Cine Teatro Monumental

BENGUELA

17 de Agosto

Às 21 horas

Espectáculo para maiores de 6 anos

Bilhetes a procurar na Casa do Gaiato — Tel. 206 — Benguela e nas bilheteiras do Cine Teatro Monumental



Aqui, Lisboa

Contin. da primeira página

são, não raro, vítimas inocentes!

As escolas estão prontas. Em Outubro entrarão em funcionamento. Até agora não demos conta de qualquer auxílio oficial. Como foram possível erguer-se nem nós sabemos explicar. Só o dedo da Providência explica. O dedo da Providência que fez mover tantos dos nossos Amigos e o trabalho dos nossos Rapazes, vindos da rua ou oriundos de lares desfeitos ou praticamente inexistentes, estão na base de tudo. Queremos salientar, no entanto, o esforço, a dedicação e o suor derramados por Aqueles que nos estão confiados, dos tais que vendem o Jornal às portas das igrejas ou pelas artérias da Cidade... Deus seja louvado.

Sempre apreciamos o dom que é ver e sentir uma família feliz. Outro dia, alguém nos telefonou a dizer que queria, com o marido, falar connosco. Aparecemos quando nos foi possível. O chefe da casa não estava, por afazeres do

PELAS CASAS DO GAIATO

CALVÁRIO

● O Mundo costuma comemorar com mais ou menos calor um acontecimento passado ou lembrando pessoas que por qualquer motivo tenham ficado na retina de uns tantos. Com o decorrer dos tempos essas manifestações vão caindo na vulgaridade até que caíem no esquecimento.

Com Homens e sobretudo com Sacerdotes como Pai Américo isso não será fácil que aconteça.

Porque não se trata de um aniversário qualquer, não podemos ficar quietos e calados.

É uma data da maior transcendência para os que foram resgatados por Ele da forma de viver mais pobre que nem muitas vezes se pode ajuizar!

Singrar na vida como homens dignos não seria possível a tantos milhares de rapazes que têm passado pelas «Casas do Gaiato»; tantas famílias abrigadas com o signo «Património dos Pobres» pelo menos até agora viveriam em condições tudo, menos humanas; doentes que já são umas centenas através de 9 anos de existência do «Calvário» de Beire, que morrem confortados e sem o qual teriam muitos deles morrido como qualquer animal irracional... etc. etc!

Nada disto seria possível se Pai Américo não tivesse abandonado a vida conformista e desafogada que levava e não ligasse ao «Toque» que o vitimou consumindo a vida terrena a elevar, a confortar e a estimular tanta miséria física e mais do que isso, moral!

Pai Américo partiu para a Eternidade há 10 anos!

Dizia muitas vezes que a sua morte corporal havia de ser como a

do grão de mostrada: «A Obra começa quando eu morrer!!»

Trespasa no meu pensamento aqueles dias, desde o desastre até a sua morte corporal. Dias que nos causaram imensa tristeza e emoção pelos factos ocorridos. A esses dias outros lhe seguirem. Misturada com a saudade havia em nós a incerteza das palavras ditas por Ele tempos atrás!

Foi como um assalto forte do demónio destruidor!

Desses momentos guardamos tantas recordações que ficamos sem saber qual podemos estampar nestes fracos apontamentos!

Com Pai Américo naquele tempo nem todos podíamos viver mais de perto com Ele. Pois era só em Paço de Sousa. E quem conhece essa Casa sabe o que aquilo é. E nós estávamos em Coimbra e outros mais longe. Era só de quando em vez que tínhamos a dita de ter uma visita d'Ele. Era sempre uma festa quando se constava que Pai Américo vinha a outra Casa! Tinha que nos «dintar» muitas vezes para evitar as manifestações de apreço e veneração dos seus filhos! Era avesso com isso. Recordo-me de uma vez que cheguei a Miranda do Côrvo sem ninguém contar era cerca da meia-noite. Mas a malta não esteve pelos ajustes. E toca a sair das camas! Exteriormente não ficou muito satisfeito mas lá no íntimo deve ter a recebido certeza de valia a pena tantas canseiras e arrelias por amor daqueles «farrapos humanos» de outrora!

Tinha plena convicção de que a morte corporal representava o verdadeiro começo da Obra da Rua! Não sofre contestação passados estes 10 anos. Antes pelo contrário! Os resultados estão visíveis em demasia para que duvidemos momento pequeno que seja! Neste dia tão grande para nós, informámo-nos e recordámo-nos com a Santa Missa e uma pequenina sessão no salão de festas do Calvário, a que não faltou a Voz de Pai Américo, que o espírito da Obra da Rua é o que ditou o Mestre: «Amor e mais nada!!»

Manuel Simões

BELÉM

● A costura — Nós temos costurado muito pouco, porque temos andado a fazer outros trabalhos lá fora.

Agora andamos a tirar as ervas ao feijão e sachamo-lo. Também já tirámos as ervas às abóboras. De vez em quando também vamos regar o jardim, porque com o calor seca muito. Não só regamos o jardim como também regamos os chorões ao longo dos muros.

Regamos um canteiro que temos em volta do tanque onde vamos buscar a água, regamos as roseiras, os mal-me-querer e outras flores que temos espalhadas pela quinta. Também regamos as laranjeiras que temos à volta de casa, porque estão em lugar muito seco.

Padre Luiz

Zinha

CINE IMPERIUM

LOBITO

19 de Agosto

Às 21 horas

Espectáculo para maiores de 6 anos

Bilhetes a procurar na Casa do Gaiato — Tel. 206 — Benguela e nas bilheteiras do Cine Teatro Imperium

Na semana seguinte

LUSO E SILVA PORTO